

APRESENTAÇÃO

Para Nestor García Canclini, no ensaio “O mundo inteiro como lugar estranho”, os deslocamentos colocam em evidência a condição transterritorial contemporânea e mobilizam imagens e discursos relativos à estraneidade, o que nos dá a dimensão subjetiva das relações de pertencimento ou, ao contrário, de não reconhecimento. Migrações, exílios e insílios geram relatos – os relatos de espaço, de que fala Michel de Certeau – e alimentam narrativas em que a representação do trânsito ou de sua contraface, a imobilidade, trazem para o primeiro plano sujeitos e identidades fluidas, a busca por si mesmo ou o desejo de não mais se encontrar. Se a viagem é tema da literatura desde outros tempos, já que não podemos esquecer que a *Odisseia* nos dá os descaminhos de um viajante de volta para casa, é importante que se observe de que modo o texto literário é, em épocas distintas, permeável às questões do deslocamento, problematizando – ou não – as múltiplas perspectivas que envolvem as relações de espaço e de tempo implicadas na partida, na chegada ou na deambulação sem fim.

Este volume da *Itinerários: Revista de Literatura* traz, em sua sessão temática, artigos que discutem o deslocamento na literatura brasileira, este tomado em textos que vão do Modernismo à ficção contemporânea, em um espectro capaz de abarcar nuances de sentido e recorrências que se manifestam em cada texto ou em um conjunto mais amplo. No primeiro artigo, intitulado “Cruzando fronteiras: reflexões sobre deslocamentos e fronteiras em ‘As morféticas’, de Bernardo Élis”, Bruno da Silva de Oliveira e Marisa Martins Gama-Khalil analisam de que modo a figura da estrada atua, no contexto do insólito, na construção de fronteiras e deslocamentos que marcam a representação de elementos antagônicos na narrativa do autor goiano.

A relação entre espaço e personagem em *Caetés*, de Graciliano Ramos, é o mote da discussão de Felipe Oliveira de Paula, no segundo artigo do dossiê. Entra em questão, aqui, de que modo a composição do protagonista João Valério articula-se à representação metonímica das contradições que marcam a cidade pacata em que vive. Também na análise das relações entre indivíduo e espaço, agora em artigo que observa o trânsito entre Sacramento e São Paulo realizado por Carolina Maria de Jesus, Janaina da Silva Sá e Vera Lúcia Lenz Vianna da Silva problematizam sujeito e cidade em *Quarto de despejo* e *Diário de Bitita*.

O personagem migrante é analisado no artigo seguinte, de autoria de Rogério Gustavo Gonçalves, que discute o romance *Essa terra*, de Antônio Torres. A reflexão se debruça sobre a migração nordestina, tomando o personagem migrante, por meio da análise de Nelo, como aquele a quem não é dado pertencer a nenhum lugar. Outro migrante, desta vez transnacional, é objeto de análise no dossiê: trata-

se do personagem Hideo Hinabata, do romance *Nihonjin*, de Oscar Nakasato, visto por Michele Eduarda Brasil de Sá na dualidade do estrangeiro, sujeito de identidade flutuante, que não consegue se reconhecer em sua terra natal, nem no espaço para o qual migrou.

Em uma perspectiva mais ampla, de viés comparatista, Valdemar Valente Júnior promove, no quarto artigo do volume, uma observação de três romances do Modernismo brasileiro, questionando as noções de deslocamento e de territorialidade implicadas no texto literário como representação do país. Pode-se mesmo dizer que essa discussão estabelece um produtivo diálogo com o décimo primeiro artigo desta seção temática, que problematiza, na análise realizada por Daniel Vecchio do romance *Macunaíma*, de Mário de Andrade, de que maneira o motivo da viagem promove, na narrativa, a mobilização dos diferentes discursos ligados à colonização do Brasil, lidos aqui por meio do deslocamento – formal e temático.

A problematização das múltiplas relações que se criam entre espacialidade e enredo romanesco é tema de dois artigos do dossiê. Primeiramente, no artigo de número cinco, Fábio de Lima Amancio problematiza a construção do “mundo ficcional” de *Avalovara*, de Osman Lins, tendo como ponto de partida os conceitos de “mundo” e de “mundaneidade”, de Martin Heidegger. Já no texto “Configurações do espaço no romance *A casa do poeta trágico*, de Carlos Heitor Coni”, Maria Célia Martirani toma a narrativa de Coni a partir de uma “poética do espaço”, realizando um exercício de análise que se contrapõe à crítica corrente que, reiteradamente, a associa a uma “poética do tempo”.

O deslocamento de personagens em *Do fundo do poço se vê a lua*, de Joca Reiners Terron, é discutido por Jacob dos Santos Biziak do ponto de vista da experiência transexual, que propõe uma interpretação que articula gênero sexual e gênero discursivo e considera a narrativa como uma performance identitária de gêneros sexuais. Romance e identidade também entram em questão no texto de Roniê Rodrigues Silva, aqui, por meio de um personagem deambulante – Joahanus, do romance *Fundador*, de Nélide Piñon –, mote para uma reflexão em torno do nomadismo e da singularidade do sujeito errante. Em uma análise comparada entre duas literaturas nacionais, trânsito e identidade são tomados, por fim, no artigo “Espace, reconnaissance et identité”, que promove um diálogo entre Clarice Lispector e Marguerite Duras na aproximação entre as personagens Lol V. Stein e G.H.

A seção “Varia”, que tradicionalmente publica artigos de temática variada, não relacionada ao tema do dossiê, traz, neste volume, textos de quatro articulistas. No primeiro, Ana Luiza Silva Camarani discute de que modo a narrativa frenética, marcada por elementos que compõem uma dimensão ligada ao horror, foi recebida no Brasil por Álvares de Azevedo. O romantismo do autor também é tema do segundo artigo, de autoria de Alexandre de Melo Andrade, que coloca em questão

Apresentação

o livro *Lira dos vinte anos* a partir de uma poética da natureza. No artigo seguinte desta seção, Maria Celeste Consolin Dezotti propõe uma análise diacrônica da fábula na literatura brasileira, comentando fábulas de sete escritores, publicadas entre 1848 e 1907. Encerra-se o volume com “Eça de Queirós, a China e o Brasil”, artigo em que Helder Garmes e José Carlos Vanzelli trazem à luz textos publicados pelo autor português no jornal *Gazeta de notícias*, desvelando a crítica de Eça aos discursos que, à época, criavam estereótipos nas relações entre Ocidente e Oriente.

Juliana Santini



